



ORIGINAL ARTICLE

OCCUPATIONAL ACCIDENTS AMONG BRAZILIAN WOMEN ATTENDING AT AN EMERGENCY CARE UNIT

ACIDENTES DE TRABALHO ENTRE MULHERES BRASILEIRAS ATENDIDAS EM UMA UNIDADE DE EMERGÊNCIA

ACCIDENTES DE TRABAJO ENTRE LAS MUJERES BRASILEÑAS EN LA ATENCIÓN DE EMERGENCIA

Cristiane Aparecida Silveira¹, Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi², Liliana Amorim Alves³, Sandra Verônica Valenzuela Suazo⁴

ABSTRACT

Objective: to identify the occurrence of Occupational Accidents among women attended in a hospital in São Paulo city, characterizing them. **Method:** observational, non-experimental and descriptive study, from quantitative approach. An instrument has been validated by experts for data collection; it were studied the patients' charts from 2002 to 2003, in an Emergency Unit of a teaching hospital of the Sao Paulo State, Brazil. The study has been approved by the Research Ethics Committee of Clinics Hospital of the Faculty of Medicine University of São Paulo (4799/2004). **Results:** 82 women were victims of 117 Occupational Accidents. Most of the 82 female Occupational Accidents victims were between 25-40 years old (52.78%); 47.56% were married. Most of the women were nursing technicians and aides (29,27% each). Most of the Occupational Accidents (32.93%) were caused by falls. **Conclusions:** suggestions are presented to minimize these events, in terms of protecting women's work and train health professionals to enable them to offer better care to these accident victims. **Descriptors:** occupational health; female work; emergency medical services.

RESUMO

Objetivo: identificar a ocorrência de Acidentes de Trabalho, entre mulheres, atendidas no hospital-escola de uma cidade do estado de São Paulo, caracterizando-as. **Método:** estudo observacional, não-experimental e de caráter descritivo, com análise quantitativa dos dados. Com o auxílio de um instrumento validado por especialistas, foram pesquisados os prontuários de pacientes atendidos durante os anos de 2002 e 2003 em uma Unidade de Emergência de um Hospital de Ensino do Estado de São Paulo, Brasil. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (4799/2004). **Resultados:** consultando-se as anotações dos prontuários, constatou-se que 82 mulheres sofreram 117 Acidentes de Trabalho, observando-se ocorrência de poliaccidentabilidade. Das 82 acidentadas, 52,78% tinham idade entre 25-40 anos; 47,56% casadas; 29,27% eram da equipe de enfermagem e 32,93% ocorreu por quedas. **Conclusão:** para minimizar tais ocorrências, é fundamental políticas de proteção ao trabalho da mulher e treinamento dos profissionais de saúde para que possam oferecer melhor atendimento às acidentadas. **Descritores:** saúde do trabalhador; trabalho feminino; serviços médicos de emergência.

RESUMEN

Objetivos: identificar y caracterizar la ocurrencia de Accidentes de Trabajo, entre mujeres, atendidas en un hospital-escuela en la ciudad de São Paulo. **Método:** estudio observacional, no experimental y de carácter descriptivo, con análisis de datos cuantitativos. Con la ayuda de un instrumento validado por expertos, se han estudiado las cartas de los pacientes atendidos durante los años 2002 y 2003 en una Unidad de Emergencia de un Hospital Universitario del Estado de Sao Paulo, Brasil. El estudio fue aprobado por el Comité de Ética de Investigación del Hospital de la Facultad de Medicina de la Universidad de São Paulo (4799/2004). **Resultados:** se constató que 82 mujeres sufrieron 117 Accidentes de Trabajo, observándose la poliaccidentabilidad. La mayoría de las 82 víctimas de Accidentes de Trabajo tenían entre 25-40 años (52,78%); 47,56% eran casadas. La mayor porcentaje (29,27%) eran técnicas/auxiliares de enfermería. La mayoría ocurrió debido a caídas (32,93%). **Conclusiones:** se hace sugerencias para minimizar tales ocurrencias, relacionadas a la protección al trabajo de la mujer y capacitación de los profesionales de salud para que puedan ofrecer una mejor atención a estas víctimas. **Descriptores:** salud laboral; trabajo femenino; servicios médicos de urgencia.

¹Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Campus Poços de Caldas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: casilve@yahoo.com.br; ²Enfermeira do Trabalho. Professor Titular da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, Centro Colaborador para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem da OPS/OMS. E-mail: avrrmlccr@eerp.usp.br; ³Fonoaudióloga. Doutoranda em Enfermagem do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: liliana@eerp.usp.br; ⁴Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Departamento de Enfermería, Universidad de Concepción, Chile. E-mail: suazo@eerp.usp.br

INTRODUÇÃO

O tema proposto para ser objeto do estudo reporta-se ao trabalho da mulher particularmente aquele que resulta em alterações à sua saúde; essa temática é complexa e séria¹, sendo que, no Brasil, tal situação tende a se agravar cada vez mais devido ao crescente ingresso das mulheres no mercado laboral diante das necessidades financeiras, pessoais e profissionais, que as colocam, em especial as de menor poder aquisitivo, em uma de situação de subemprego.² Para a Organização Internacional do Trabalho (OIT), as taxas de desemprego e subemprego femininos são superiores às dos homens e, apesar do número crescente de mulheres no mercado de trabalho, essa presença tem se limitado a engrossar a categoria de trabalhadores mais desfavorecidos.³

Tão importante quanto o trabalho feminino, é o tema relacionado aos Acidentes de Trabalho (AT), cujos números brasileiros continuam a aumentar⁴ retratando a violência e o desrespeito ao trabalhador existente no mundo do trabalho, contribuindo negativamente para o processo de construção dos direitos à cidadania.

Mulheres acidentadas em geral e/ou com ferimentos ocupacionais são encaminhados e/ou procuram o atendimento à saúde, sendo que, muitas vezes, os acidentes possuem forte associação com o trabalho. Concomitantemente, os profissionais da saúde parecem não se encontrar suficientemente orientados para perceber o nexo entre o trabalho executado e o acidente ocorrido.⁵ Assim, a subnotificação acidentária, prática comum de acontecer no Brasil, aumenta ainda mais, em decorrência desse desconhecimento.⁶ A realidade do trabalho feminino é mascarada em geral, entre outros fatores, porque há grande proporção das mulheres em afazeres domésticos.⁷ Como esse tipo de atividade não é considerado como um trabalho, sendo mais entendido como uma função peculiar feminina há dificuldades de vinculação do acidente ocorrido à atividade laboral (dentro e fora de casa).

Em relação aos homens, as mulheres adoecem e acidentam-se 50% a mais no desempenho de suas funções. As principais causas desse maior número de acidentes podem ser explicadas pela dupla jornada de trabalho e o esforço para se mostrarem tão competitivas quanto os homens.⁴ Além disso, as mulheres têm uma diminuição da capacidade para o trabalho antes dos homens em relação à idade.⁸

Quanto às ocupações, o trabalho feminino concentra-se ainda em poucas atividades do setor de serviços pessoais e comunitários, administração pública, saúde, ensino, comunicações. A ocupação mais comum entre as brasileiras é o emprego em serviços domésticos.^{6,7}

Além dos afazeres domésticos, em geral, quando esta mão de obra entra no mercado de trabalho, não possui a aprendizagem e o preparo prévio para executar as variadas tarefas exigidas para a concretização de determinado tipo de ofício, sendo estas atividades muitas vezes penosas, insalubres e perigosas.

Parte considerável da população feminina está inserida no meio rural brasileiro.² Neste ambiente, como em outros, desempenha múltiplas tarefas, sem formação técnico-profissional adequada, expondo-se aos variados fatores risco ocupacional lidando com a total ausência ou, ao contrário com tecnologias específicas do setor, tornando-as um grupo relevante para o risco de sofrer acidentes e adquirir enfermidades relacionadas ao trabalho.

Quanto à Enfermagem, importante profissão da Área de Saúde, necessita aprofundar-se mais nas questões relacionadas ao trabalho e conseguir identificar entre os pacientes que atende aqueles com AT e doenças relacionadas ao trabalho incluindo-se as mulheres.

Ainda há uma lacuna relacionada à problemática do trabalho feminino, sob a ótica da Saúde do Trabalhador e da Enfermagem. Diante do exposto, o objetivo do presente estudo foi investigar a ocorrência e caracterizar os acidentes de trabalho (AT), entre mulheres atendidas, em situação de emergência.

METODOLOGIA

Caracterizando-se por ser não-experimental e de caráter descritivo, o estudo utilizou a análise quantitativa dos dados. Foram pesquisados prontuários de pacientes atendidos em uma Unidade de Emergência (UE) de um Hospital de Ensino (HE) de um município do Estado de São Paulo - Brasil. A referida instituição desenvolve atividades de ensino e pesquisa, sendo uma autarquia estadual, cuja manutenção é realizada por verbas estaduais e por recursos fundacionais.

O estudo foi autorizado pela Diretoria Clínica do hospital em questão e também pelo seu Comitê de Ética em Pesquisado Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (nº 4799/2004) tendo então sido obedecidos todos os preceitos ético-legais exigentes no país. Foi solicitado ao Setor de Processamento de Dados a separação dos registros dos pacientes do sexo feminino, atendidas na UE nos anos de 2002 e 2003, classificados conforme a codificação constante nos capítulos XIX e XX da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-10⁹, na UE. Após a separação, foram investigados os prontuários destas pacientes; como os prontuários não se encontravam digitalizados, foi necessário realizar a leitura atenta de cada um deles, buscando-se as

anotações que aconteceram quando a mulher acidentada buscou por atendimento. Uma vez identificada a acidentada como sendo do trabalho, preenchia-se as informações que relacionavam o acidente como sendo ocupacional, em um instrumento de coleta de dados, o qual foi construído e validado para o presente estudo.

Após o levantamento destas informações, elaborou-se um *code-book*, bem como um banco de dados, empregando-se um aplicativo *MS Excel - XP*. Foi realizado o processo de validação por dupla alimentação (digitação) mediante digitação independente, em duas planilhas. A análise estatística foi executada usando-se o *Programa*

Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) e a Estatística Descritiva.

As ocupações/profissões das acidentadas foram categorizadas conforme a Classificação Brasileira de Ocupações.¹⁰

RESULTADOS

Encontrou-se 82 mulheres acidentadas no trabalho, atendidas na UE no período de dois anos.

Em relação aos seus dados biográficos e a ocupação e/ou profissão da acidentada do trabalho, elaborou-se a Tabela apresentada a seguir.

Tabela 1. Mulheres acidentadas do trabalho, atendidas em uma Unidade de Emergência, em relação à faixa etária, estado civil e profissão e/ou ocupação em 2002/2003. Brasil, SP (n=82).

Variáveis		n	%
Faixa Etária	Até 24 anos	04	5,56
	25-40	38	52,78
	41-55	23	31,94
	56 ou mais	07	9,72
Total		82	100
Estado Civil	Casada	39	47,56
	Solteira	20	24,39
	Divorciada	09	10,98
	Amasiada	05	6,10
	Viúva	02	2,44
	Sem relato	07	8,54
Total		82	100,00
Profissão e/ou ocupação	De serviços de saúde	30	36,59
	De serviços domésticos	19	23,17
	De serviços de manutenção e conservação (serviços gerais, auxiliar de limpeza)	16	19,52
	De serviços administrativos	04	4,88
	Vendedoras ambulantes	03	3,66
	Camareiras, roupeiras e afins	02	2,44
	Técnicas de laboratório industrial	02	2,44
	Cuidadoras de crianças, jovens e adultos	02	2,44
	De apoio à agricultura	02	2,44
	De serviços de administração de edifícios	02	2,44
Total		82	100

As causas dos eventos acidentários encontram-se apresentadas a seguir.

Tabela 2. Mulheres acidentadas do trabalho, atendidas em uma Unidade de Emergência, em relação às causas dos AT, 2002-2003. Brasil, SP (N=82).

Grupo do CID 10	Descrição	Total	
		n	%
W00-W19	Quedas	27	32,93
W20-W49	Exposição a Forças Mecânicas Inanimadas	16	19,51
V20-V29	Motociclista traumatizado em Acidente de Transporte	07	8,54
X50-X57	Excesso de Esforços, Viagens e Provações	07	8,54
X58-X59	Exposição Acidental a Outros Fatores e aos Não-Especificados	06	7,32
T51-T65	Efeito Tóxico de Substâncias de Origem predominantemente Não-medicinal	03	3,66
X10-X19	Contato com fonte de Calor ou com Substancias Quentes	03	3,66
V01-V09	Pedestre Traumatizado em Acidente de Transporte	02	2,44
V10-V19	Ciclista traumatizado em Acidente de Transporte	02	2,44
V40-V49	Ocupante de Automóvel {Carro} Traumatizado em Acidente de Transporte	02	2,44
X60-X84	Lesões Autoprovocadas Intencionalmente	02	2,44
X85-Y09	Agressões	02	2,44
F40-F48	Transtornos Neuróticos, Transtornos Relacionados com o Estresse Transtornos Somatoformes	01	1,22
W50-W64	Exposição a Forças Mecânicas Animadas	01	1,22
X40-X49	Envenenamento [Intoxicação] Acidental por e Exposição a Substancias Nocivas	01	1,22
Total		82	100

DISCUSSÃO

Das 82 mulheres que sofreram AT, quatro (5,56%) apresentavam idades inferiores a 24 anos; 38 (52,78%) estavam entre 25 e 40 anos; 23 (31,94%) entre 41 a 55 anos e sete (9,72%) tinham mais de 55 anos. Estudo sobre trabalhadores

informais da cidade de Salvador, Bahia, Brasil, cuja maioria é composta por mulheres, constatou a predominância de mulheres nos grupos mais jovens (18-20 anos).⁹

Esses resultados são coerentes porque são as mulheres com menos idade que conseguem maior inserção no mercado de trabalho e,

consequentemente submetem-se as maiores possibilidades de sofrerem AT.

Quanto ao estado civil das acidentadas encontrou-se que 20 (24,39%) eram solteiras; 47,56% casadas; 6,1% amasiadas; 2,44% viúvas, 10,94% divorciadas/desquitadas e 8,54% não apresentavam identificação quanto ao estado civil. Dados sobre o estado civil de jovens obtidos pela Pesquisa Nacional por Amostragem Brasileira (PNAD) constatou ser a maioria das mulheres solteira (67,9%), sendo que no Sudeste existe a maior proporção (72,4%) de solteiras entre as regiões. No subgrupo etário de 20 a 24 anos, 44,4% das jovens brasileiras eram casadas.⁷

No conjunto de famílias brasileiras, 7,6% são chefiadas por pessoas jovens de 15 a 24 anos. A maioria destes chefes tem entre 20 e 24 anos (81%), aqueles de 18 e 19 anos constituem 13,3% deste conjunto e, naturalmente, apenas 5,7% deles são ainda adolescentes. Famílias chefiadas por mulheres jovens (9,8%) têm um peso relativo maior no conjunto das famílias chefiadas por mulheres do que aquelas chefiadas por jovens do sexo masculino (6,9%).⁷

Quanto à ocupação e/ou profissão exercida pelas mulheres que sofreram AT evidenciou-se que a maioria era da área da saúde demonstrando a insalubridade do setor. A seguir tem-se as trabalhadoras dos serviços domésticos. As trabalhadoras nos serviços de manutenção e conservação (conhecidas como de serviços gerais e também as auxiliares de limpeza) constituíram-se em 16 (19,52%) pessoas.

Possivelmente o maior número de atendimentos foi com trabalhadoras da área de saúde porque o risco de exposição ocupacional e acidentes com perfurocortantes é elevado, o que pode ocasionar a contaminação por várias entidades virológicas, como evidenciados em muitos estudos. Este fato pode então influenciar a notificação acidentária.

Estudo sobre AT encontrou 29,7% de acidentados nos setores de trabalhadores de serviços gerais/domésticos/limpeza, seguido pelos de comércio (24,2%) e administração/ensino (18,8%). Também se verificou que a maioria, acumulava trabalho pago e obrigações com atividades domésticas para a família (69,3%). A incidência de doenças e o registro de acidentes de trabalho são maiores nas seguintes profissões: servente, carteira, professora, enfermeira, telefonista e bancária.⁹

O emprego doméstico é uma forma de ocupação feminina tradicional na sociedade brasileira, representando um exército de mulheres pobres, com baixa qualificação e que recebem baixos salários. Empregadas domésticas constituem-se no maior contingente de trabalhadoras do país.¹¹ Há

uma grande quantidade de mulheres nos serviços domésticos remunerados.¹²

Com os resultados do presente estudo, há uma forte tendência a se supor que o número de acidentadas encontra-se subnotificado, ainda mais considerando-se que no emprego doméstica, há muitas mulheres que trabalham sem registro profissional e, desta forma, os empregadores não lhes pagam os benefícios previdenciários e, tampouco, notificam os AT.

As causas dos AT evidenciaram que as “Quedas” (W00-W19) foram responsáveis por 27 (32,93%) destes eventos; “Exposição a Forças Mecânicas Inanimadas” também foram agentes causadores de AT bem como “Motociclista traumatizado em Acidente de Transporte” e “Excesso de Esforços, Viagens e Provações” entre outros.

Se computados todos os eventos de trânsito constata-se que 15,85% sofreram AT a ele relacionado. Isto pode ser entendido, pois as estatísticas mostram o crescimento dos acidentes de transporte ocorridos ultimamente.¹³ O modo mais comum de locomoção para o trabalho para ambos os sexos e qualquer tipo de contrato, importante para se compreender os acidentes de trajeto, é o uso de transporte coletivo, exemplificado pelos ônibus urbanos. As mulheres são menos afetadas por acidente de trânsito que os homens.⁷ Entretanto, apesar da significativa queda do número de acidentes de transporte a partir do Código de Trânsito Brasileiro (CTB) de 1998, os números voltaram a crescer, sendo que estes acidentes matam milhares de pessoas ao ano.¹⁴

CONCLUSÃO

Os AT ocorrem entre trabalhadoras em decorrência das condições de trabalho inadequadas, acrescidas de possivelmente duplas e tripla jornada, sobrecarga, estresse, entre outros, pois sabe-se que há um considerável crescimento do número de mulheres chefes de família. Então, para minimizar os problemas decorrentes de tal situação, faz-se necessária criação de políticas de amparo e proteção à trabalhadora.

Mulheres sem preparo técnico-científico adequado acabam sendo absorvidas pelas ocupações menos qualificadas, o que significa, também, que possivelmente, recebem menores salários. Ou seja, mesmo que trabalhem muito, a ponto de, como foi visto, ficarem com lesões importantes, acabam recebendo baixos salários, por executarem trabalhos não qualificados e também pela própria discriminação sexual.

Aos trabalhadores da área da saúde e particularmente da enfermagem, que mantém contato constante com pacientes, cabe a realização de programas de educação continuada para que consigam estabelecer nexos entre o

acidente ou a doença ocorrida às mulheres e o fato delas estarem trabalhando. Aí, conseguirão indagar sobre o tipo de trabalho desenvolvido por elas, no momento do acidente e notificá-los, além de orientar adequadamente sobre os riscos ocupacionais decorrentes de seu trabalho. Em geral, as causas que ocasionaram os AT interpretadas como comuns, não sendo associadas do trabalho realizado pela mulher. Também deveriam saber que se a mulher a procura em situação emergencial e seu agravo à saúde é relacionado ao trabalho, os próprios profissionais de saúde podem emitir a Comunicação de Acidentes de Trabalho para efeitos legais, colaborando assim com a subnotificação acidentária

Há ainda muito a ser feito e pesquisado em relação ao trabalho executado por trabalhadoras, principalmente referente aos AT; programas de prevenção e promoção à saúde dos trabalhadores poderiam ser elaborados, no sentido de esclarecimento à esta parcela importante da população sobre seus direitos e limitações, exercitando-as à cidadania.

Para a Enfermagem, recomenda-se a importância que os seus trabalhadores tomem conhecimento destes resultados, interesse-se por esta importante temática e procurem desenvolvê-la, a fim de somar esforços aos demais que se preocupam com esta questão, e consigam auxiliar na prevenção dos AT e no atendimento adequado diante de tais ocorrências.

REFERÊNCIAS

1. Gomes KRO, Tanaka AC. Morbidade referida e uso dos serviços de saúde por mulheres trabalhadoras, município de São Paulo. Rev Saúde Pública 2003 fev; 37 (1): 75-82.
2. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Mulher e Trabalho. O Trabalho das Mulheres Residentes Rurais no Estado de São Paulo. [Online] [Acesso em: 2006 ago 24]. Disponível em: http://www.seade.gov.br/mulher/boletim_06/Mulher6.pdf.
3. Organização Internacional do Trabalho. Global Employment Trends For Women March 2008: relatório. Genebra: OIT; 2008.
4. Correio Braziliense. Mulheres em risco [acesso em 2004 out 1]. Disponível em: <http://www.sabermulher.com.br/Noticias/Noticias.asp?Id=345>
5. Silveira CA, Robazzi MLCC, Marziale MHP. Registros Hospitalares sobre Acidentes de Trabalho entre Trabalhadores de Serviços Gerais. Registros Hospitalares sobre Acidentes de Trabalho entre Trabalhadores de Serviços Gerais. Revista de Enfermagem da UERJ. 2003;(11):261-67.

6. Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Sócio-econômicos. [Acesso em: 2006 ago 24]. Disponível em: <http://www.dieese.org.br>
7. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. [Acesso em: 2006 ago 24]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>
8. Monteiro MS, Fischer FM, Barros MD, Rodrigues CM. Gender and work ability among public workers: a cross-sectional study Online Brazilian Journal of Nursing [serial on the Internet]. 2007 September 16; [Cited 2009 January 18]; 6(0):[about 7 p.]. Available from: <http://www.uff.br/objnursing/index.php/nursing/article/view/1024>
9. Organização Mundial da Saúde. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, 10ª Rev, 1, 1993 São Paulo: Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português.
10. Ministério do Trabalho e do Emprego (BR). Classificação Brasileira de Ocupações. Brasília; 2002.
11. Melo TCN, Lastres HMM, Marques TCN. Gênero no Sistema de Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil. Revista Gênero; 2004.
12. Stein MLT. Gênero Feminino no Contexto do trabalho fabril: setor eletroeletrônico em Curitiba e Região Metropolitana na década de 90. [Dissertação] Curitiba; 2000.
13. Deslandes SF, Silva CMFP. Análises da morbidade hospitalar por acidentes de trânsito em hospitais públicos do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Revista de Saúde Pública. 2000; 34(2):367-372.
14. Marin L, Queiroz MS. A atualidade dos acidentes de trânsito na era da velocidade: uma visão geral. Cadernos de Saúde Pública. 2000; 16(1):7-21.

Sources of funding: No
Conflict of interest: No
Date of first submission: 2009/08/01
Last received: 2009/09/10
Accepted: 2009/09/11
Publishing: 2009/10/01

Corresponding Address

Cristiane Aparecida Silveira
Endereço para correspondência:
Rua Honduras, 85 Ap. 11 – Jardim Quississana
CEP: 37701-246 – Poços de Caldas (MG), Brazil